

Jornal de Notícias, 3 março 2025

Teresa Costa
tcosta@jn.pt

Norte tem de estar atento porque vai “sofrer impacto” de Trump



“[Com as tarifas de Trump], isto exige aos empresários que estejam duplamente atentos para redefinirem rapidamente o portfólio de produtos e de mercados”

“O turismo tem um peso relativamente grande no PIB e aí a solução não é baixar o turismo, é aumentar a participação dos outros setores”

“Qualquer Governo, daqui para a frente, tem de dar atenção às políticas de imigração”

Carlos Brito

Pr. da Dir. Reg. do Norte da Ordem dos Economistas

Carlos Brito, responsável pela Ordem dos Economistas na região, alerta para os efeitos da subida das taxas alfandegárias dos EUA nas exportações e deixa conselhos aos empresários

CONJUNTURA Com as taxas de importação que os EUA vão impor, nomeadamente no ferro e no aço, Carlos Brito, recém-eleito presidente da Direção Regional do Norte da Ordem dos Economistas, considera haver motivos para a região estar “atenta”, porque “obviamente vai sofrer impactos”. Estamos a falar do principal território exportador do país.

O professor da Porto Business School justifica o alerta com o facto de a nova administração norte-americana ser “altamente nacionalista e protecionista, mas também altamente imprevisível” - e “uma das coisas que os agentes económicos, em geral, não gostam é de imprevisibilidade”.

Reconhece que a decisão dos EUA “vai afetar todo o mundo”, e chegará até cá, desde logo, por ser o quarto maior mercado de exportação de Portugal.

Como otimista que é, admite que, “no curto prazo, os empresários têm razão para estar preocupados, porque é um mercado para o qual vão ter maior dificuldade em vender”, mas acredita que, “no longo prazo, os empresários portugueses são muito bons a lidar com a adversidade e vão encontrar outros destinos de substituição”.

Abastecimentos em risco

Se há problemas à vista com o mercado norte-americano, a situação também não está fácil na Europa, com a Alemanha em recessão e a França com uma “dívida brutal”. E “se o Sr. Trump se torna protecionista, os outros países vão retaliar. Aquilo que chamávamos de globalização vai encolher, e não vai ser fácil encontrar mercados alternativos”.

Mas Carlos Brito, também presidente da Associação Portuguesa de Management, adverte que “a questão não é só o mercado, é igualmente de abastecimento”. Nesse contexto, ilustra: “Não é só dizer assim, ‘olha, eu até agora vendia camisas para os EUA, agora vou passar a vender camisas para a China’. Não. É preciso toda uma alteração do próprio portfólio de produtos para se adaptar aos novos mercados e às novas condições de abastecimento”.

“Não há turismo a mais”

Por ser membro do Conselho Estratégico e do Conselho de Marketing do Turismo do Porto e Norte de Portugal, a conversa derivou também para esta temática, com Carlos Brito a defender que “não há turismo a mais, nem excesso de turistas”. “Não podemos dizer que a culpa é de um setor que está a ter uma boa performance. (...) Aquilo que queremos é que outros setores também se desenvolvam”.

Admite que há “uma concentração de turistas em alguns locais”, mas entende que o desafio é fazer com que “se espalhem e criar uma oferta turística atrativa para que não se concentrem”.

No entanto, aceita que o turismo deve ter “uma estratégia, nomeadamente, de maior valorização daquilo que é oferta turística, mas não no sentido de massificar”. E dá o exemplo do enoturismo como uma oferta com um grande potencial de valorização, das componentes do turismo e do vinho. Mas faz um parêntesis: “Atenção que o enoturismo é um negócio turístico, não é um negócio vinícola”.

E a propósito de vinho, setor ao qual também tem estado ligado, admite que as campanhas antialcoólicas têm penalizado a fileira, contribuindo para a quebra de

consumo, identificando esse como um dos factores que também concorrem para o avolumar de excedentes no país.

Apesar do corte na procura de vinho, a oferta tem-se mantido, mas um dos problemas que a produção enfrenta é a de escassez de mão de obra. Sobre o assunto, Carlos Brito considera que esse problema atravessa várias áreas, em especial, a agricultura, o turismo e a restauração. “Esses três setores, atualmente, se não houvesse importação de mão de obra, teriam gravíssimas dificuldades”. Reconhece que a falta pessoal é um fenómeno que “veio para ficar”. Solução? “Vamos ter sempre de importar mão de obra”.

Uma Ordem onde não é obrigatória a inscrição

Ao contrário de outras profissões, ser economista não carece de inscrição obrigatória na Ordem. “É mesmo por amor à camisola”. Mas Carlos Brito destaca outra particularidade: a Ordem dos Economistas não acolhe apenas licenciados nesta ciência. Está aberta aos licenciados em Gestão. E não passou de moda: “Ainda continua a haver uma grande necessidade de profissionais com competências, nomeadamente na área da gestão”. E particulariza: “Na área de Marketing, Portugal tem carências enormes”, bem como nos Recursos Humanos e nas tecnologias - e não só na Inteligência Artificial, mas também na tecnologia da ferrugem”.

Artigo originalmente publicado no Jornal de Notícias. Todos os direitos reservados ao autor e à publicação.